

O OLHAR DA FRELIMO SOBRE A EMANCIPAÇÃO FEMININA

Cristiane Soares de Santana*

Resumo

A FRELIMO (Frente de Libertação Nacional de Moçambique) criada em 1962 promoveu um amplo debate no final dos anos 60 e início dos anos 70 sobre a emancipação da mulher no seio do partido. Publicações internas, matérias de jornais e discursos proferidos por Samora Machel, seu líder máximo naquele contexto, nos dão subsídio para perceber isto. Visamos através desse artigo debater o conceito de emancipação da mulher da FRELIMO através da análise de um discurso proferido por Samora Machel intitulado “A libertação da mulher é algo essencial para o triunfo da revolução” datado de março de 1973.

Palavras chave: Moçambique; Samora Machel; Mulher.

Abstract

FRELIMO (National Liberation Front of Mozambique) established in 1962 promoted a broad debate in the late ‘60s and early’ 70s about the emancipation of women in the party. internal publications, articles in newspapers and speeches by Samora Machel, its top leader in that context, give us grant to realize it. Thus, we aim through this article to discuss the concept of emancipation of FRELIMO women by analyzing a speech by Samora Machel titled “The liberation of women is something essential for the triumph of the revolution” dated March 1973.

Key words: Moçambique; Samora Machel; Woman.

Os estudos sobre as relações de gênero têm ocupado a História, a Antropologia, as Ciências Sociais, a Psicologia, dentre outras áreas das Ciências Humanas no decorrer do século XX. A categoria gênero, como bem diz Joan Scott, tem se tornado um aporte teórico útil para análises que buscam compreender e responder, com base em pesqui-

sas científicas, a questão da desigualdade entre os sexos e quais as consequências disso na realidade social e como elas interferem no conjunto das relações sociais.

Tomando por base a definição de Joan Scott (1990) buscamos compreender o gênero como um elemento que modela as relações sociais baseadas nas distinções entre

* Doutoranda em História Social – Universidade Federal da Bahia. Professora Substituta – Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Campus XIV – Conceição do Coité. E-mail: cryshistoria@hotmail.com

os sexos. Esta autora afirma que o gênero é interpretado como uma forma primária das relações significantes de poder que abrangem as relações estabelecidas entre homens e mulheres nas hierarquias e relações de poder. Diante disso, entendemos a categoria gênero como algo disperso nas normas de conduta, nas organizações e nas representações sociais.

Visando debater a respeito das hierarquias e as desigualdades com bases sexistas iremos discutir nesse artigo a visão apresentada sobre a emancipação da mulher através de um discurso feito pelo Presidente da Frente de Libertação Nacional de Moçambique em março de 1973 intitulado “A libertação da mulher é uma necessidade da revolução e garantia de sua continuidade e condição de seu triunfo”, o qual, é, por nós, entendido como um documento histórico e representação das idéias da FRELIMO.

Pensando o discurso como fonte, trazemos à tona a reflexão de Barros (2004), o qual aponta que um texto escrito deve ser compreendido em três instâncias: o intratexto, o intertexto e o contexto. O primeiro avalia os elementos internos do texto, o segundo aponta a relação do texto em análise com outras produções e, por último, o contexto, faz-se necessário observar a relação do texto com o momento histórico no qual ele foi redigido. O discurso de Samora, que neste texto, se torna a principal fonte de análise deve ser interpretado levando em consideração que os discursos são produzidos em um determinado espaço sócio histórico e por um sujeito que possui intenções por traz daquela mensagem.

Ao utilizarmos um discurso proferido por Samora Machel como fonte devemos entender a análise do discurso como um método a ser utilizado no decorrer da interpretação do texto. De tal modo concor-

damos com Albuquerque quando ele aponta que:

Os discursos e os pronunciamentos continuavam sendo vistos a partir do estatuto de provas. Eles continuavam a não ser interrogados enquanto artefatos narrativos, quanto as regras de produção do próprio texto. (...) Eles eram e muitas vezes ainda são no máximo interrogados sobre em que medida refletem um contexto social, cultural e histórico, em que medida são decorrentes de posições de classe, de interesses econômicos, de posições ideológicas. Eles eram analisados (e também ainda o são muitas vezes) enquanto construções de versões sobre o passado, mas nunca interrogados por eles mesmos como construções narrativas (ALBUQUERQUE, 2009, p.234).

Reforçando a importância de se inserir determinado discurso em um contexto entendendo assim com mais propriedade a mensagem trazida por Samora e as suas percepções sobre a mulher no contexto moçambicano recém-independente, é importante apresentar em poucas linhas um pouco sobre o contexto no qual esse discurso foi proferido, gestado e redigido.

A FRELIMO foi uma organização que desde os seus princípios prezou pela participação feminina no processo de luta pela libertação nacional. No seu primeiro congresso em 1962 os Estatutos apresentavam como objetivo promover o desenvolvimento cultural da mulher, visando apoiar a formação de organização de mulheres. De acordo com Casimiro:

O seu programa estabelecia um princípio de salário igual para trabalho igual, independentemente do sexo, cor ou região. Mulheres e homens, com diferentes origens e experiências de vida, que se encontravam no interior e exterior do país, aderiram ao projeto da FRELIMO. Algumas mulheres apenas acompanhavam seus familiares, outras com alguma consciência do facto colonial, viam

no movimento então criado uma possibilidade de se libertar do colonialismo e do racismo (CASIMIRO, 2004, p. 172).

Com promessa de igualdade de gênero e fim da opressão pelo colonizador, a FRELIMO lançou espaço para o surgimento de organizações de mulheres em Moçambique surgissem, sendo criadas até mesmo de forma independente. Mas que, segundo Casimiro (2004) eram oficialmente regidas pelo partido.

A Liga Feminina de Moçambique (Lifemo) foi a primeira organização criada pela cujo objetivo era dar apoio das famílias que aderiram à causa orientando-as sobre os objetivos da FRELIMO. Porém, com o desenvolvimento da luta armada, a Lifemo se tornou uma organização feminina que não conseguiu mais acompanhar as novas necessidades que passariam a existir.

Entrevistas realizadas revelam que esta organização era majoritariamente constituída por moçambicanas oriundas de organizações anteriores, mais urbanizadas, com dificuldades de adaptar-se a condições novas de trabalho, sem implantação no interior de Moçambique, nas zonas liberadas junto de mulheres de origem camponesa e de diferentes grupos étnicos (CASIMIRO, 2004, p. 173).

O Destacamento Feminino (DF) criado em 1966 foi constituído por mulheres guerrilheiras. De acordo com publicações oficiais da FRELIMO foi do próprio partido que partiu a iniciativa para a fundação do Destacamento por meio de uma reunião realizada pelo Comitê Central em 1966. Porém, Casimiro (2004) afirma que aconteceu justamente ao contrário do que afirmam as fontes oficiais. A autora relata que as mulheres sentiram necessidade de defender suas famílias tanto nas zonas libertadas ou que eram controladas pelo colonialismo e solicitaram à FRELIMO um treinamento militar.

No jornal *Voz da Revolução* encontramos dois depoimentos de participantes do Destacamento reforçando o que foi dito anteriormente sobre as razões pelas quais muitas mulheres resolveram ingressar no DF. Conescense e Glória, membros da família Aroni, fizeram parte do DF. A primeira teve o pai assassinado pelos portugueses pelo fato do seu filho ter se juntado ao exército da FRELIMO. Conescense afirmou que:

Os portugueses perguntaram-lhe: “Sabes por que é que te vamos matar”? Ele disse que não sabia... Eles disseram-lhe “Nós vamos matar-te por que o teu filho juntou-se ao exército da FRELIMO, é um quadro da FRELIMO”. O meu pai respondeu: “Vocês podem matar-me. A minha vida vale pouco – e o meu filho está onde ele deve estar. Sim, é verdade, ele está na FRELIMO”. Então os portugueses deram ao meu pai uma pá e disseram-lhe para cavar um buraco. Ele cavou durante algum tempo e depois perguntou se já era bastante. Eles disseram-lhe para entrar no buraco. Ele entrou. Então, um oficial português apontou para ele, carregou o gatilho, mas a arma não funcionou. Disparou a segunda tentativa, e o meu pai morreu imediatamente. (...) Mais tarde a minha mãe foi até este lugar mas no momento em que ela estava a transportar o corpo os portugueses viram-na e ela teve de correr para o mato para se esconder. Mais tarde eu fui ter com ela. Então encontramos soldados da FRELIMO que nos levaram para uma base e juntei-me ao Destacamento Feminino.¹

A descrição do momento vivenciado por essas mulheres nos permite entender que juntar-se a FRELIMO e posteriormente ao Destacamento Feminino era um caminho para obter segurança naquele contexto, já que elas ficaram sozinhas com a morte do pai e o ingresso do irmão nas frentes de batalha.

1 Depois dos massacres de Mocumbura- sobreviventes dos massacres juntam-se a FRELIMO. IN: Jornal *Voz da Revolução*, abril-maio de 1972, s.p.

O texto *A mulher é o elemento transformador da sociedade* publicado em 1980, que pode ser classificado como documento de circulação interna da FRELIMO, nos ajuda a refletir sobre as outras razões, além da busca por segurança, pelas quais as mulheres começaram ingressar na luta, mas de acordo com esse documento as razões foram muito maiores do que a simples necessidade de aumentar os efetivos do exército da FRELIMO.

Podemos ainda citar, entre essas razões, a necessidade de mobilizar todo o enorme potencial humano que representam as mulheres moçambicanas. A emancipação da mulher, sua integração total na luta, representam um aumento considerável da capacidade de organização. Mas, seria errado ligar o combate pela emancipação da mulher moçambicana somente a uma questão de princípios estatutários ou a uma questão de aumento dos efetivos.²

Porém, essa decisão sendo ela estatutária ou não, ou por iniciativa das próprias mulheres que buscaram seu espaço de atuação na sociedade por meio do Destacamento não foi facilmente aceita pelos homens. De acordo com Casimiro,

Esta decisão encontrou muitos obstáculos no seio do movimento, por parte de homens e mulheres. As mulheres que se haviam juntado à luta funcionavam, muitas vezes, como produtoras, reprodutoras, fonte de prazer sexual para os guerrilheiros que, sob a direção de alguns charmien (chefes tradicionais homens), organizavam o controle da sua força de trabalho e o controle dos homens, ao seu acesso. Alguns homens afirmavam que a mulher era um ser fraco, que não aguentava os treinos militares e que era perigoso aproximar fogo do capim (CASIMIRO, 2004, p. 173-174).

2 COMITÊ CENTRAL DA FRELIMO. *A mulher é um elemento transformador da sociedade*. Coleção de Estudos e Orientações, 1980.

Essa análise de Casimiro a respeito da participação da mulher aponta um exemplo claro de discriminação por gênero, no momento em que a mulher era vista como incapaz de ocupar o mesmo espaço no partido e desempenhar as mesmas tarefas que os homens.

Após a independência, a FRELIMO deu início a uma política de desenvolvimento do país e de promoção de bem estar social dos cidadãos visando para isso reproduzir a experiência das zonas libertadas em todo o país. Nesse contexto que vão ser criadas as Organizações Democráticas de Massa (ODM'S) que englobavam uma série de grupos sociais como os jovens sendo representados pela Organização da Juventude Moçambicana (OJM), os trabalhadores com a Organização dos Trabalhadores Moçambicanos (OTM) e as mulheres com a Organização da Mulher Moçambicana (OMM).

A Organização da Mulher Moçambicana (OMM) foi criada em 1973 e sua ação se estendeu por todo o território moçambicano, sendo a única organização de massa que conseguiu se manter desde o período da luta armada até os dias atuais.

Casimiro (2004) alega que a agudização da luta armada fez com que a FRELIMO sentisse necessidade de possuir uma organização mais ampla. De maneira que, a Organização da Mulher Moçambicana (OMM) teria como núcleo central o Destacamento Feminino e abarcaria as mulheres associadas ao movimento por meio das diversas atividades no país. Esta mesma autora afirma que mesmo com a discordância de muitas mulheres guerrilheiras, a OMM foi criada em 1973 no auge da guerra pela independência. De acordo com uma matéria publicada no *Jornal A Voz da Revolução* sobre a I Conferência da Mulher Moçambicana:

A Conferência saudou a decisão do Comitê Central reunido em Dezembro de 1972, de

criar uma Organização da Mulher Moçambicana. Esta Organização tornava-se necessária, dado que a única estrutura existente ao nível das mulheres era o Destacamento Feminino. Verificava-se contudo que muitas mulheres realizavam tarefas fora do âmbito do Destacamento feminino, não estando enquadradas em uma estrutura que lhes fosse própria. Também muitas militantes potenciais que não reuniam condições para serem integradas no Destacamento Feminino eram conservadas à margem do processo revolucionário. A nova organização agirá portanto como uma frente larga, que tendo como núcleo e elemento impulsionador o Destacamento Feminino, irá mobilizar, organizar e unir mulheres novas e velhas, casadas e solteiras, em todos os lugares onde elas se encontrarem - das povoações as escolas e bases e campos no exterior. A Organização da Mulher Moçambicana é parte da estrutura global da FRELIMO na qual aparece como um braço para atingir, um novo sector, o sector feminino, cuja participação completa e adequada tem até aqui sido negligenciada.³

O Destacamento Feminino, até então atuante, passou a ser englobado pela Organização da Mulher Moçambicana e conforme foi dito nessa I Conferência se tornou um braço da FRELIMO. Essa ação nos permite supor que o DF poderia ter começado a desenvolver um trabalho político em prol das mulheres que não agradasse a organização a ponto desta sentir necessidade de criar um órgão que gerisse a questão da mulher subordinado a ele.

A Organização da Mulher Moçambicana teria como objetivo dar assistência a mulher promovendo a sua emancipação e a engajamento direto no movimento político, sendo este até mesmo de cunho internacional. Através das pesquisas no jornal *A Voz da*

Revolução encontramos algumas notícias em um setor específico intitulado “Delegação de Mulheres no exterior”. Em relação aos objetivos da OMM com esse envio das mulheres para outros países foi dito que:

“Quando a organização nos envia em missão no exterior, ela envia-nos numa missão, que embora não fundamental, é importante. A missão no exterior é também uma missão de combate, a certo sentido mais difícil - pro que frequentemente o inimigo e o amigo aparecem confundidos, inclusive dentro de nós individualmente. A missão exterior, em geral propõem - se atingir os objetivos principais seguintes: 1. Reforçar o isolamento do inimigo; 2. Tornar a nossa luta mais reconhecida, o que permite o desenvolvimento da solidariedade conosco; 3. Testemunhar a nossa amizade, solidariedade junto das Organizações, Governos e Povos que visitamos; 4. Estudar a experiência revolucionária do Povo visitado, para enriquecer a nossa própria teoria e prática revolucionária”⁴

Através da descrição do tipo de atividades que eram realizadas por essas mulheres em tais viagens, podemos perceber que tal ação estava relacionada a essa estratégia de estabelecimento de relação política e troca de experiências internacionais com países como a Rússia e China, os quais naquele contexto eram exemplos de revoluções socialistas vitoriosas, Mongólia e a República Democrática Alemã.

A FRELIMO apresentou desde a sua fundação uma preocupação com a mulher e sua inserção no desenvolvimento da luta armada, de modo que a ela caberia um papel central para o avanço da revolução, tal visão pode ser percebida através da análise do discurso de Samora, o qual pode ser entendido como uma das principais representações da

3 1º Conferência da Mulher Moçambicana: comunicado final. IN: Jornal *A Voz da Revolução* - órgão oficial da Frente de Libertação Nacional (FRELIMO), n 16, março de 1973, p. 6 - 7.

4 Delegação das Mulheres no Exterior. In: Jornal *A Voz da Revolução* - órgão oficial da Frente de Libertação Nacional de Moçambique (FRELIMO), nº 11, julho-agosto de 1972, p. 04.

visão da FRELIMO sobre a mulher e a essência dessa emancipação defendida.

Os caminhos da emancipação

Compreender as visões da FRELIMO sobre a mulher exige a análise crítica de um discurso histórico proferido por Samora Machel, presidente da Frente Nacional de Libertação de Moçambique e da República Popular de Moçambique intitulado “A libertação da mulher é uma necessidade da revolução, garantia de continuidade, condição de seu triunfo”, o qual se tornou um clássico sobre uma determinada noção de emancipação feminina no contexto dos anos 70.

A libertação e a emancipação feminina foram os temas principais desse texto de Samora, de maneira que emancipar ou não a mulher era estava na pauta dos debates no seio da FRELIMO.

Samora explicava as razões pelas quais era tão importante emancipar a mulher libertando-a da opressão sofrida até então, apontando as contradições existentes no seio do partido com relação a tal assunto e qual seria o momento correto de se fazer isto. Segundo ele,

Existem pessoas no nosso seio, a organização está consciente disso, que acham que devemos consagrar todos os nossos esforços à luta contra o colonialismo, que a tarefa da emancipação da mulher neste quadro é secundária, pois leva-nos a um desperdício das nossas forças. Acrescentam ainda que a situação em que vivemos, com escassez de escolas, com poucas mulheres instruídas, com as mulheres apegadas à tradição, não nos fornece as bases de partida para uma acção conseqüente; por isso importa aguardar a independência, a construção duma base económica, social e educacional sólida para desencadear a batalha. Outros dizem ainda, interpretando tendenciosamente os Estatutos, que é necessário respeitar certas particularidades tradicionais locais, que não

as podemos combater nesta fase, pois arriscamos-nos a perder o apoio das massas (MACHEL, 1973, p.17).

Mesmo havendo duas vias interpretativas sobre a emancipação feminina no seio da FRELIMO, Samora apontava que o papel desempenhado pela mulher na fomentação de uma nova visão em prol do crescimento da nação e a importância da sua emancipação fazia com que ela fosse considerada elemento prioritário no processo, pois a ela caberia apoiar a luta pelo fim de uma sociedade exploradora da qual ela era vítima.

Essa opressão sofrida pela mulher foi um dos aspectos abordados por Samora neste discurso, sendo que o regime colonial era o principal causador da exploração sob a mulher, sendo que para Samora,

A Revolução tem por objetivo essencial a destruição do sistema de exploração, a construção duma nova sociedade libertadora das potencialidades do ser humano e que o reconcilia com o trabalho com a natureza. É dentro deste contexto que surge a questão da emancipação da mulher. De uma maneira geral, no seio da sociedade, ela aparece como o ser mais oprimido, mais humilhado, mais explorado. Ela é explorada até pelo explorado, batida pelo homem rasgado pela palmatória, humilhada pelo homem esmagado pela bota do patrão e do colono (MACHEL, 1973, p.18).

A exploração feminina era conseqüência do colonialismo, sendo que sua lógica na interpretação de Samora tinha como base elementar a presença do colonizador, que explorava o homem e este conseqüentemente oprimia a mulher, sendo as contradições existentes nas relações entre homens e mulheres são anuladas e não debatidas.

Mesmo tendo sua importância demarcada no processo revolucionário através dos discursos emitidos por Samora ou em ou-

tros documentos de circulação interna do Partido, o papel que a mulher exercia no lar e o seu lado materno era bastante exaltado como podemos perceber no discurso de Samora, segundo o qual:

Considerando ainda a necessidade fundamental de a Revolução ser prosseguida pelas novas gerações, como poderemos assegurar a formação revolucionária das gerações de continuadores, se a mãe, primeira educadora, se encontra à margem do processo revolucionário? Como fazer do lar do explorado, do oprimido, uma célula do combate revolucionário, um centro difusor da nossa linha, um estímulo para o engajamento da família, quando a mulher permanece apática a este processo, indiferente à sociedade que está sendo criada e surda ao apelo do Povo? (MACHEL, 1973, p.18).

Como ficaria não estaria inserida no processo aquela responsável por cuidar, criar e educar as novas gerações? Justamente nesse ponto se encontrava a questão central. As militantes da FRELIMO estariam envolvidas no trabalho clandestino, na preparação dos quadros e no abastecimento de novas frentes, mas a elas caberiam determinadas tarefas específicas: formar uma nova geração, criar crianças e as apresentar uma nova mentalidade formando autênticos perpetuadores do processo revolucionário.

A partir da exposição dessas tarefas Samora reforçou o papel clássico associado à mulher como aquela que é responsável por educar, cuidar e orientar essa geração que faria nascer a nova sociedade moçambicana calçada nos ideais de progresso e abandono das tradições. Nota-se a perpetuação da representação da mulher de modo estereotipado reforçando o elemento biológico que apontando a maternidade como algo inerente a natureza feminina.

Tal visão da Frelimo sobre a mulher moçambicana era propagada, nesse mesmo

contexto de produção do discurso de Samora aqui analisado, através de músicas, como por exemplo, o Hino da Mulher Moçambicana, que transcrevemos um trecho abaixo:

“Cantemos com a alegria o 7 de abril⁵/O dia consagrado à Mulher Moçambicana/ Companheira inseparável o homem engajado/ Na luta contra a velha sociedade exploradora/ Quem é? /Aquela que produz e alimenta os combatentes/ É a Mulher Moçambicana Emancipada/Que destrói as forças da opressão.”⁶

Reforçando o papel da mulher como esposa, mãe afetuosa e restrita ao espaço privado, Samora a trouxe como centro no processo de conscientização de uma nova geração no seio da família, logo ela precisava estar consciente da exploração sofrida e de que forma poderia lutar contra essa situação.

Por essa razão, a emancipação da mulher era vista como algo urgente e necessário, pois sua essência formadora e orientadora, teoricamente própria à natureza feminina, seria de grande importância para a luta. Porém, mesmo o seu lado mãe tão reforçado vemos emergir por meio desse discurso a mulher como militante.

Libertar a mulher-mãe moçambicana da opressão colonial era uma tarefa primordial do processo revolucionário. A opressão física e moral eram citadas por Samora como elementos básicos que explicam o fundamento da alienação feminina e consciente disso ela poderia desempenhar o papel que lhe caberia na visão da FRELIMO. Para Samora,

5 No dia 7 de abril comemora-se o Dia da Mulher Moçambicana e data de falecimento de Josina Machel.

6 <http://meumundo35.blogspot.com.br/2013/04/hino-da-mulher-mocambicana.html> Acesso em: 18-06-2015

No decurso da nossa luta, na dura batalha que tivemos que travar contra os elementos reaccionários, compreendemos de uma maneira mais clara os nossos objectivos. Sentíamos particularmente que a luta pela criação de novas estruturas fracassaria sem a criação de uma nova mentalidade. Criar uma atitude de solidariedade entre os homens capaz de fazer desenvolver o trabalho colectivo, pressupõe a eliminação do individualismo. Desenvolver uma moral sã e revolucionária que promova a libertação da mulher, a criação de gerações com um sentido colectivo de responsabilidade, exige a destruição das idéias e gostos corruptos herdados. Para implantar as bases de uma economia próspera e avançada é necessário que a ciência vença a superstição. Unir todos os moçambicanos, para além das tradições e línguas diversas, requer que na nossa consciência morra a tribo para que nasça a Nação (MACHEL, 1970, p.35).

Consciente da opressão sofrida, a mulher seria orientadora na criação de uma nova mentalidade que deveria nascer com a destruição das práticas tradicionais, as quais auxiliavam no processo de exploração do homem pelo homem, característico da sociedade capitalista, o qual abarcava a mulher.

Na sociedade nova almejada pela FRELIMO o racismo, o tribalismo, e o obscurantismo não deveriam existir. Por meio de uma relação dicotômica entre o novo e o velho, em uma tentativa de transformar os valores e a tradição baseada nos costumes acreditava-se que

Logo que se desencadeou o processo de exploração, a mulher na sua generalidade, como o homem, foi submetida à dominação das camadas privilegiadas. A mulher é também um produtor, um trabalhador, mas com qualidades particulares. Possuir mulheres é possuir trabalhadores, trabalhadores gratuitos, trabalhadores cuja totalidade do esforço de trabalho pode ser apropriada sem resistência pelo esposo, que é amo e senhor.

Casar-se com muitas mulheres na sociedade de economia agrária torna-se um meio certo para acumular muitas riquezas. O marido assegura-se de uma mão-de-obra gratuita, que não reclama nem se revolta contra a exploração. Daí a importância da poligamia nas zonas rurais de economia agrária primitiva. A sociedade, compreendendo que a mulher é uma fonte de riqueza, exige que um preço seja pago. Os pais requerem do futuro genro o pagamento dum preço, o “lobolo”, para cederem a filha. A mulher é comprada, herdada, como se fosse um bem material, uma fonte de riquezas (MACHEL, 1973, p.22).

A FRELIMO realizava críticas as práticas vinculadas à sociedade colonial e mecanismos culturais e ideológicos de exploração da mulher. Esses valores não deveriam fazer parte da essência moralizadora do homem novo e da mulher nova, os quais deveriam ser a antítese do modelo burguês.

A FRELIMO via o lobolo, que era uma prática culturalmente utilizada em países africanos de exigir um pagamento da família da noiva em dinheiro ou bens materiais como gado; a poligamia, algo que também é cultural naquelas sociedades nas quais os homens se casavam com mais de uma mulher; os ritos de iniciação e os casamentos forçados realizados ainda na infância de muitas meninas eram elementos criticados pelo partido, por serem considerados práticas exploratórias da mulher.

No que se refere ao lobolo um agravante ainda é citado por Samora no seu discurso sobre o direito que o homem achava devolver a mulher e exigir o valor do lobolo quando esta não conseguisse desenvolver uma das suas funções naturais: procriar. A partir disso, vemos que a sociedade possuía uma visão tradicional sobre a mulher cuja função de ter filhos era ainda algo obrigatória e inerente a sua natureza. Mas, apesar de criticar essa postura masculina de não aceitar a mu-

lher que for estéril ou o marido pensar que ela assim o era, seu posicionamento entrava em choque com a não aceitação por parte de Samora de uma mulher que não desejasse ter filhos fizesse disso um símbolo da sua emancipação.

Assim, como o lobolo e a poligamia, os ritos de iniciação, que tinham como objetivo realizar a formação das mulheres por meio de princípios ancestrais passados pelos mais velhos ensinando valores, noções de comportamento, organização social, política e econômica, eram vistos também como um caminho para a opressão feminina já que pode ser entendido como parte de um sistema educacional que oprimia a mulher. De acordo com Samora,

O obscurantismo, a ignorância, são irmãos gêmeos da superstição e os pais da passividade. Todas as superstições, as religiões, sempre encontraram o terreno mais fértil no seio da mulher, porque esta se encontrava mergulhada na maior ignorância e obscurantismo. Na nossa sociedade, os ritos e cerimônias aparecem como o veículo principal de transmissão dos conceitos da sociedade sobre a inferioridade da mulher, sobre a sua subserviência em relação ao homem. É a este nível ainda que se propagam numerosos mitos e superstições que se destinam objetivamente a destruir o espírito de iniciativa da mulher; e reduzi-la à passividade. A própria educação familiar acentua e reforça estes diversos aspectos. Desde criança a rapariga é educada dum maneira diferente do rapaz, é-lhe inculcado um sentimento de inferioridade (SAMORA, 1973, p. 24).

Obscurantismo e ignorância eram características que marcavam o lobolo, os ritos de iniciação, os casamentos forçados e a poligamia, que eram praticadas secularmente em Moçambique. O homem novo e a mulher nova não deveriam praticar tais ações, estando libertos dessas concepções obscurantistas para que eles ficassem abertos ao

progresso e à ciência para a gestação de uma nova sociedade.

Esses elementos culturais potencializavam, na opinião do autor, a dominação secular à qual a mulher vinha sido submetida. Porém, a essência dessa dominação era a contradição entre a mulher e a ordem social, a qual ele define como algo encontrado no sistema de organização da vida econômica da sociedade e não entre o homem e a mulher. De acordo com ele,

Sejamos claros neste ponto: a contradição antagônica não é entre a mulher e o homem, mas, sim entre a mulher e a ordem social, entre todos os explorados, mulheres e homens, e a ordem social. É esta situação de explorada que explica a sua ausência de todas as tarefas de concepção e decisão no seio da sociedade, que a exclui da elaboração das concepções que organizam a vida econômica, social, cultural e política, mesmo quando os seus interesses estão diretamente afetados. É este o aspecto principal da contradição: a sua exclusão da esfera de decisão da sociedade. Esta contradição só pode ser resolvida pela Revolução porque só a Revolução destrói os alicerces da sociedade exploradora e reconstrói a sociedade em bases novas, que libertam a iniciativa da mulher, a integram como ser responsável na sociedade e a associam à elaboração das decisões. Por consequência, da mesma maneira que não pode haver Revolução sem libertação da mulher, a luta pela emancipação da mulher não pode triunfar sem a vitória da Revolução (MACHEL, 1973, p.20).

Baseado em uma dada apropriação do marxismo, Samora reduziu a contradição existente entre homens e mulheres na sociedade moçambicana, abolindo as críticas à dominação masculina e na discriminação em relação às mulheres assentadas em bases sexistas e de hierarquias de gênero, esse seria um dos elementos nos quais a sua noção de emancipação feminina esbarraria.

Na terceira parte do discurso Samora explicita qual seria o sentido da emancipação defendida pela FRELIMO, demonstrando logo a princípio sua visão em relação aos tipos de mulher emancipada que era defendida em algumas sociedades, a qual era uma concepção marcadamente errônea na sua opinião. Para ele,

Se na FRELIMO ainda não há mulheres tratoristas ou motoristas é necessário imediatamente que haja, sem ter em conta as condições objetivas e subjetivas. A emancipação concebida mecanicamente leva, como vemos por exemplo nos países capitalistas, a reclamações e atitudes que deturpam inteiramente o sentido da emancipação da mulher. A mulher emancipada é a que bebe, é a que fuma, é a que usa calças e mini saias, a que se dedica à promiscuidade sexual, a que recusa ter filhos, etc. Outros, identificam a emancipação com a acumulação de diplomas, o diploma universitário em particular aparecendo como um certificado de emancipação. Há ainda quem considere que a emancipação consiste em ter acesso a um certo nível econômico, social, cultural. Todas estas concepções são erradas e superficiais. Nenhuma delas atinge o coração da contradição nem propõe uma linha que verdadeiramente emancipe a mulher (MACHEL, 1973, p.27).

Esse discurso nos demonstra que para a FRELIMO, a emancipação feminina não consistia em igualar homens e mulheres em suas atitudes, ações e estilos de vida. Existia um controle sob o corpo feminino, a mulher moçambicana não tinha liberdade de expor suas escolhas em relação à bebida, ao cigarro, as suas vestimentas, ao seu grau de instrução, ao seu comportamento ou a quantidade de parceiros sexuais que ela optasse em ter. O comportamento feminino desejado por parte da FRELIMO entrava em choque com as solicitações feministas daquele contexto.

A mulher moçambicana emancipada desempenhava múltiplas atividades. Mãe,

mulher, esposa e também militante no seio da FRELIMO, ela lutava lado a lado com os homens nas trincheiras, participava de reuniões do partido, abastecia com alimentos as zonas libertadas, cuidando dos doentes e das crianças, mas não tinham o mesmo tratamento destinado aos homens. Para Samora,

“Há quem conceba a emancipação como uma igualdade mecânica entre o homem e a mulher. Esta concepção vulgar manifesta-se muitas vezes no nosso seio. A emancipação seria então a mulher e o homem fazerem exatamente as mesmas coisas, dividirem mecanicamente as tarefas no lar. “Se hoje lavei os pratos, amanhã lavarás tu, quer estejas ou não ocupado, quer tenhas ou não tempo” (SAMORA, 1973, p. 27).

Se a igualdade que era o primeiro passo dado em direção à emancipação estava sendo negada às mulheres, podemos nos perguntar que tipo de emancipação estava em voga no seio da FRELIMO. Igualdade entre homens e mulheres estava na ordem no dia naquele contexto e esta não era aceita no seio do partido.

Esta noção de emancipação esbarrava na divisão das tarefas do lar. A divisão sexual do trabalho modela-se como uma prática social que tem como intuito tanto conservar as tradições que nos orientam quais seriam tarefas femininas e masculinas dentro de um determinado espaço social tanto na criação de modalidades na divisão sexual das tarefas. A subordinação de gênero e a assimetria na divisão de tarefas são notórias no critério de definição das tarefas.

Apesar do reconhecimento e dos avanços conseguidos pela FRELIMO na sua defesa da emancipação da mulher sendo um dos primeiros partidos a defender a emancipação feminina concomitante à independência do país, podemos afirmar que o tipo de

libertação proposta por Samora Machel esbarrou em uma série de questões conforme vimos anteriormente e nas críticas veladas ao movimento feminista internacional, que possuía uma visão de emancipação completamente diversa da FRELIMO.

Antes mesmo de serem militantes, as mulheres desempenhavam outros papéis como mães e donas de casa. Faz se necessário citar essa questão para que imaginemos as dificuldades que essa mulher militante possuía para desempenhar múltiplas funções. Elas treinavam, participavam de combates, realizavam serviços domésticos, abasteciam os combatentes, cuidavam das crianças etc. De acordo com Josina Machel (1970),

Durante nossa marcha encontrámo-nos com mulheres e raparigas em campos militares, em centros administrativos, em hospitais, infantários, escolas e machambas do povo. Vimos como auxiliam generosamente os feridos, como dão seu afecto a crianças órfãs. Como não poupam esforços para abastecer o exército com alimentação.⁷

A mulher moçambicana continuava sendo mãe e esposa, mas também era militante. Ser impedida de casar para poder participar do Destacamento Feminino, não ter as suas especificidades como mulher respeitadas e conviver com a inexistência de uma divisão sexual do trabalho podem ser elementos que nos permitem interpretá-las como formas de dificultar o crescimento da participação feminina no seio do partido, já que elas persistiam em ocupar um espaço marcadamente masculino: o ser militante.

Fontes

FRELIMO. I Congresso da FRELIMO, setembro de 1963.

Depois dos massacres de Mocumbura- sobre-

⁷ Dia da mulher moçambicana. IN: A Voz da Revolução, n^a 21, janeiro-abril de 1974, pg.09.

viventes dos massacres juntam-se a FRELIMO. In: Jornal **Voz da Revolução**, abril-maio de 1972, s.p.

COMITÊ CENTRAL DA FRELIMO. A mulher é um elemento transformador da sociedade. **Coleção de Estudos e Orientações**, 1980.

Dia da mulher moçambicana. In: **A Voz da Revolução**, n^a 21, janeiro-abril de 1974, p.09.

1^o Conferência da Mulher Moçambicana: comunicado final. In: Jornal **A Voz da Revolução**-órgão oficial da Frente de Libertação Nacional (FRELIMO), n 16, março de 1973, p. 6 - 7.

Delegação das Mulheres no Exterior. In: Jornal **A Voz da Revolução** - órgão oficial da Frente de Libertação Nacional de Moçambique (FRELIMO), n^o 11, julho-agosto de 1972, p. 04.

Referências

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. Discursos e pronunciamentos: a dimensão retórica da historiografia. IN: Pinsky, Carla Bassanezi; Luca, Tânia Regina de (Orgs). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

BORGES, Edson. A política cultural em Moçambique após a Independência (1975-1992). In: FRY, Peter (Orgs). **Moçambique: ensaios**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

CABAÇO, José Luís. **Moçambique: identidade, colonialismo e libertação**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CAMPOS, Josilene Silva. **As representações da guerra civil e a construção da nação moçambicana dos romances de Mia Couto (1992-2000)**. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

CORRÊA, Sonia e HOMEM, Eduardo. **Moçambique: primeiras machambas**. Rio de Janeiro: Editora Margem, 1977.

CASIMIRO, Isabel. **“Paz na terra, guerra em casa”: feminismo e organizações de mulheres em Moçambique**. Maputo: Promédia, 2004.

CASIMIRO, Isabel. Repensando as relações entre mulher e homem no tempo de Samora. In:

SOPA, A. **Samora: homem do povo**. Maputo: Maguezo, 2001.

COLAÇO, João Carlos. Trabalho como política em Moçambique: do período colonial ao regime socialista. In: FRY, Peter (Orgs). **Moçambique: ensaios**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: a história da violência nas prisões**. São Paulo: Editora Vozes, 2012.

_____. **Microfísica do poder**. São Paulo: Editora Graal, 2012.

MARTINS, A.P. Possibilidades de diálogo: classe e gênero. **História Social**, Campinas, SP, n. 4/5, p.135-156, 1997/1998.

MACAGNO, Lorenzo. Fragmentos de uma imaginação nacional. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Vol. 24 n° 70, junho/2009, p.18-36.

MORAES, Maria Lygia Quartim. Marxismo e feminismo: afinidades e diferenças. **Revista Crítica Marxista**, Campinas – SP, Vol. 11, p.89-97, 2000.

NIPASSA, Orlando. Ajuda Externa e Desenvolvimento em Moçambique: Uma Perspectiva Crítica. In: **II CONFERÊNCIA DO IESE, “DINÂMICAS DA POBREZA E PADRÕES DE ACUMULAÇÃO EM MOÇAMBIQUE”**, Maputo, 22 a 23 de Abril de 2009.

PINSKY, Carla. Estudos de Gênero e História Social. **Estudos Feministas**, Florianópolis, n 17, janeiro-abril de 2009, p. 159-189.

SANTANA, Jacimara Souza. **Mulher e Notícias: os discursos sobre as mulheres de**

Moçambique na Revista Tempo (1975-1985). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para os estudos históricos? **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v.16, n° 2, p.5-22, dez, 1990.

SOIHET, Rachel. História das Mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronald. (Orgs) **Domínios da História: ensaios da teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **História das mulheres e as representações do feminino**. Campinas: Curt Nimuendajú, 2008.

TILLY, Louise. Gênero, História das Mulheres e História Social. **Cadernos Pagu**, vol. 3, 1994, p. 29-62.

THOMAZ, Omar Ribeiro. “Escravos sem dono”: a experiência social dos campos de trabalho em Moçambique no período socialista. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, vol. 51, n° 01, p. 177-214, 2008.

VARIKAS, Eleni. Gênero, experiência e subjetividade: a propósito do desacordo Tilly- Scott. **Cadernos Pagu**, vol. 3, p.63-84, 1994.

WOODS, ALAN. Marxismo versus feminismo – A luta de classes e a emancipação da mulher. Ver: <http://www.marxist.com/marxismo-feminismo-emancipacao-mulher.htm>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2014.

Recebido em: 17/04/2016

Aprovado em> 12/06/2016